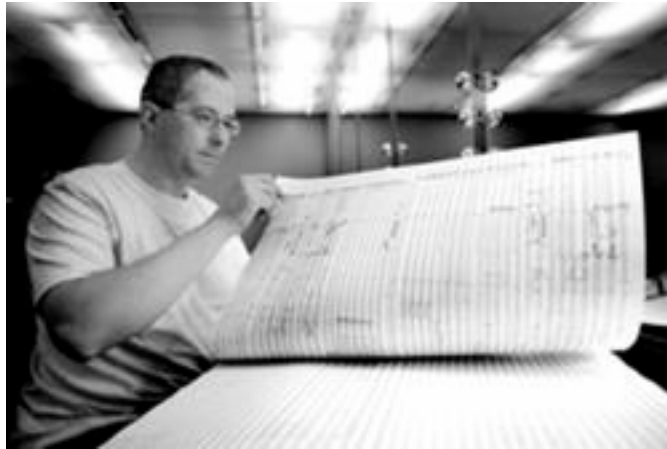


Schumann moderno

artur machado

Andreia C. Faria

Schumann é um músico de contrastes, e essa dimensão fragmentária da sua obra motivou o compositor João Rafael a escrever "Kontraste" (Contrastes), peça que será interpretada esta noite, em estreia mundial, pela Orquestra Nacional do Porto, com direcção do maestro Graeme Jenkins, na sala Suggia da Casa da Música, no Porto. A peça foi encomendada pela instituição portuense no âmbito das comemorações dos 150 anos da morte de Schumann e encerra o ciclo das sinfonias do compositor e pianista alemão.



João Rafael estreia-se na Casa da Música com uma dinâmica de contrastes dedicada a Schumann

João Rafael aceitou o desafio da Casa da Música por considerar ser capaz de encarnar, numa linguagem actual, o espírito de Schumann "Nos últimos anos de vida, Schumann tinha visões, uma espécie de esquizofrenia. A minha peça trata essa dimensão paranormal do músico, com contrastes, cortes abruptos, elementos inesperados". "Construí a peça com pequenos elementos diferentes entre si. Nalguns pontos, construí os diferentes elementos em continuidade, noutras assumi o corte de dinâmicas", explica o compositor.

Este será um concerto de estreias para João Rafael, já que é a primeira vez que trabalha com a Orquestra Nacional do Porto e se apresenta na Casa da Música. "Está a correr tudo bem. Podíamos ter ensaiado mais, mas não houve tempo. No entanto, "a peça está bem preparada", assegura. Quanto à Sala Suggia, o compositor encontra algumas limitações "O espaço é muito bom, à partida. A sala tem um som claro, mas os sons mais graves não têm grande projecção", confessa. Para além de "Kontraste", o ciclo de Sinfonias de Schumann encerra esta noite com a "Sinfonia nº 3", e "Concerto para Violino e Orquestra", a cargo do maestro Graeme Jenkins, que já havia dirigido a Orquestra Nacional do Porto, e do violinista David Garrett, um dos mais jovens e premiados da actualidade.

Um compositor ecléctico

João Rafael tem 46 anos e concluiu em 1985 o Curso Superior de Composição no Conservatório Nacional de Lisboa. Estudou em Paris e Friburgo, na Alemanha, com alguns dos músicos e compositores mais conceituados da actualidade, entre os quais o português Emmanuel Nunes. "Trabalhámos juntos em projectos dele. Colaborei com ele de perto, vi como é que ele trabalhava, o que me deu uma aprendizagem menos académica e mais afectiva", relembra.

João Rafael dedica-se também à música electrónica, onde chega a trabalhar como intérprete. Essa deriva, pouco comum em compositores clássicos, deu-se de forma natural para o compositor português. "Na escola de Friburgo havia um estúdio de música electrónica, onde passei muito tempo a experimentar. É um desafio a nível conceptual e as potencialidades são ilimitadas", explica.